

DA CIÊNCIA PARA FICÇÃO OU DA FICÇÃO PARA CIÊNCIA: JÚLIO VERNE, O INVENTOR DO FUTURO

FROM SCIENCE TO FICTION OR FROM FICTION TO SCIENCE: JÚLIO VERNE, THE INVENTOR OF THE FUTURE

Valéria Augusti¹
Ângela Regiane Maia Machado²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar como a imprensa brasileira de fins do século XIX associou o nome do escritor Júlio Verne às descobertas científicas de sua época e de séculos posteriores. Para tanto, foram consultados diversos jornais, dentre eles: *A Constituição*, da Província do Pará; *Jornal de Recife*, da Província de Pernambuco; *Pacotilha*, da Província do Maranhão; e *Jornal do Brasil*, do Estado do Rio de Janeiro, publicado em 1969. A pesquisa demonstrou que muito frequentemente o nome do escritor francês era mencionado em notícias originalmente publicadas em países estrangeiros e traduzidas para os periódicos brasileiros. Tais notícias evidenciam que muito embora Júlio Verne acreditasse ser autor de romances geográficos, foram as invenções científicas ou tentativas de tornar real o que fora imaginado por Júlio Verne que prevaleceram quando se trata de fazer menção ao autor. Nos jornais, as representações simbólicas sobre o autor são de alguém que contribuiu com a divulgação do conhecimento científico e que antecipou diversas tecnologias. Suas invenções imaginárias fascinaram gerações e influenciaram futuros cientistas que se empenharam em tornar possível o que ele imaginara. De outro lado, Verne também acabou estabelecendo parâmetros para as viagens ao redor da Terra, pois homens e mulheres de carne e osso se esforçaram para bater o recorde de Phileas Fogg, personagem do romance *A volta ao mundo em 80 dias*. Assim, percebe-se que a popularidade do autor extrapolava e muito o universo da ficção, servindo de régua e compasso para aqueles que estavam criando uma nova realidade.

Palavras-chave: ficção, Júlio Verne, ciência

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze how the Brazilian press at the end of the 19th century associated the name of the writer Jules Verne with the scientific discoveries of

¹ Doutora em Teoria e História Literária (UNICAMP). Professora da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA. <http://lattes.cnpq.br/6970953321235328>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4436-4562>. E-mail: augustivaleria@gmail.com

² Possui graduação em Letras- Língua Portuguesa- pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Estudos Literários, da UFPA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2515314875816217>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8375-7728>. E-mail: angelamaiamachado@hotmail.com

his time and of later centuries. To this end, several newspapers were consulted, including: *A Constituição*, from the Province of Pará; *Jornal de Recife*, from the Province of Pernambuco; *Pacotilha*, from the Province of Maranhão and *Jornal do Brasil*, from the State of Rio de Janeiro, published in 1969. The research showed that very often the French writer's name was mentioned in news originally published in foreign countries and translated into Brazilian periodicals. These reports show that although Jules Verne believed he was the author of geographical novels, it was scientific inventions or attempts to make real what Júlio Verne had imagined that prevailed when it came to mentioning the author. In the newspapers, the symbolic representations of the author are of someone who contributed to the dissemination of scientific knowledge and who anticipated various technologies. His imaginary inventions fascinated generations and influenced future scientists who strove to make what he had imagined possible. On the other hand, Verne also ended up setting standards for journeys around the world, as men and women of flesh and blood strove to beat the record of Phileas Fogg, the character in the novel *Around the World in 80 Days*. Thus, we can see that the author's popularity went far beyond the realm of fiction, serving as a ruler and compass for those who were creating a new reality.

Keywords: fiction, Júlio Verne, science

Introdução

A produção ficcional do romancista francês Jules Gabriel Verne (1828-1905), conhecido no Brasil como Júlio Verne, foi das mais traduzidas do mundo, transformando-o em um sucesso editorial que atravessou séculos. Antes de se tornar romancista, escreveu peças teatrais e contos, vários deles publicados no periódico *Musée des Familles* (Dekiss, 2002). No entanto, foi no terreno do romance que ganhou verdadeira nomeada em sua própria época. Naquele já longínquo século XIX, muitos, ao lerem sua produção ficcional associaram-na à ciência, chegando mesmo a afirmar que seus romances eram *romances científicos*. Posteriormente, a interpretação seria similar, mas a denominação se modificaria para *romances de ficção científica*, termo este que o imortalizaria no campo da literatura.

É preciso dizer que sua carreira como romancista se firma quando, em 1863, assina contrato com Pierre-Jules Hetzel, que viria a se tornar seu principal editor. O primeiro romance de Verne publicado por Hetzel foi *Voyage em l'air*, que passou a se intitular posteriormente *Cinq semaines en ballon*. A partir de então, seus romances passaram a fazer parte da série *Voyages extraordinaires* - título da coleção editorial que

reuniu diversas obras de Júlio Verne, dentre as quais, *Voyage au centre de la Terre* (1864), *De la Terre à la Lune* (1864-65) e *Les enfants du capitaine Grant* (1864-65) (Mourão, 2005). Como observa Tadié (2013), muito embora Verne não tivesse inventado o “roman d’anticipation”, pois Cyrano de Bergerac já havia narrado viagens interplanetárias, e também não tivesse inventado o romance de aventuras, foi a coleção criada por Hetzel que sintetizou uma época:

Nas lombadas dos volumes da coleção Hetzel a partir de 1891, contra o azul do mar e do céu, uma âncora afunda-se, as luzes de um farol erguem-se: gostaríamos que esta dupla exploração fosse simbólica. Anexados ao mapa-mundo na capa da encadernação estão três sinais do projeto de Vernien: ele queria fazer pela geografia o que Dumas tinha feito pela história; já não os séculos (não escreveu nenhum romance histórico, ou pelo menos nenhum romance cujo enredo não fosse contemporâneo), mas os continentes, os elementos, os espaços interplanetários; o título de 1867, *Voyages Extraordinaires*, anuncia um dos grandes sínteses do século XIX, ao lado de Michelet, Dumas, Balzac e Zola.³

Bem ao gosto do avanço imperialista europeu sobre o planeta, Verne empreende um projeto no interior do qual acomoda o que ele mesmo chamou de “romances geográficos”. Amante dos mapas e das grandes explorações do globo, o escritor francês afirma sua ambição de pintar todo o planeta, projeto esse que reconhece ser impossível de ser levado a cabo (Tadié, p.70). Não por acaso, dentre seus romances de aventura há um ambientado no Brasil, especificamente na região amazônica: *A Jangada: oitocentas léguas pelo Amazonas* (1881).

Foi a busca de informações sobre a circulação e recepção crítica desse romance nas Províncias do Norte do Brasil Imperial que deu origem a este artigo, pois em lugar de encontrarmos leitores brasileiros empolgados com o que o famoso romancista francês teria escrito a respeito de nosso país, ou pelo menos de parte dele, encontramos muitos leitores empolgados com outro assunto: as inovações tecnológicas presentes nos romances do autor. É disso que trataremos a seguir. Antes, contudo, cabe esclarecer que

³ Au dos des volumes de la collection Hetzel, à partir de 1891, sur le bleu de la mer et du ciel, une ancre s'enfonce, les lumières d'un phare s'élèvent: on aimerait que dette double exploration fût symbolique. Jointes à la mappemonde du plat de la reliure, trois signes du projet vernien: il a voulu faire, pour la géographie, ce que Dumas a entrepris pour l'Histoire; non plus les siècles (il n'a écrit aucun roman historique, ou tout au moins, aucun roman dont l'intrigue ne fût contemporaine), mais les continents, les éléments, les espaces interplanétaires; les titre de 1867, *Voyages Extraordinaires*, annonce l'une des grand sihnése du XIX siècle, à coté de Michelet, de Dumas, de Balzac, e Zola.

esta pesquisa teve como fonte exclusiva artigos publicados em periódicos do final século XIX e, mais precisamente em 1969, ano em que o homem chegou à Lua, tema de um de seus romances.

Onde queres geografia, ciência.

É sabido que Verne procurava tanto em *fait divers* quanto em narrativas de viagem os territórios nos quais situaria suas aventuras, pelo menos as terrestres. O astrônomo Ronaldo Mourão (2005) observa que o romancista também consultava documentos científicos com vistas a escrever suas obras, que valorizavam a ciência e a tecnologia de sua época. Não obstante, Mourão afirma que muitas vezes tais obras descreviam tecnologias que somente no futuro se tornariam reais. Esse é o caso da bomba atômica, que teria sido descrita por Verne no romance *Face au Drapeau* (1896); e da cerca elétrica presente no romance *Le château des Carpathes* (1892). Na obra *Paris au XXe siècle* (escrito em 1863 e publicado postumamente), Júlio Verne descreve objetos que lembram um computador e no romance *L'Île à hélice* (1895) Mourão acredita que Verne teria descrito algo similar à internet. Porém, nesse campo das invenções, o romance *Da Terra à Lua* (1865) seria, na opinião do astrônomo, o mais emblemático de todos, pois nele Verne teria descrito “com surpreendente precisão o que havia de ocorrer em 1969, quando uma nave norte-americana, Apollo 11, alcançaria o solo lunar levando três astronautas” (Mourão, 2005, p. 12).

Dito isto, o que nos interessa é discutir como a produção ficcional de Verne é recebida em notícias publicadas nos periódicos da última década do século XIX. Em suma, o que nos romances do autor francês produzia comentários do outro lado do Atlântico. Para tanto, iniciaremos pela tradução de uma entrevista que o autor francês concedera à escritora inglesa Marie Adelaide Belloc⁴ e que fora originalmente publicada na revista britânica *The Strand Magazine*. A tradução, vinda à luz em 27 de

⁴ Marie Adelaide Julie Elizabeth Renée Belloc Lowndes, mais conhecida por Marie Belloc Lowndes, foi uma escritora inglesa, nascida em Londres em 1868, mas radicada na França. Seu primeiro livro, uma biografia intitulada *The Life and Letters of Charlotte Elizabeth, Princess Palatine*, foi publicado em 1889. Escreveu ainda vários romances que combinavam —fatores psicológicos e incidentais, utilizando fatos reais e ficção. Seu primeiro romance, *The Heart of Penelope*, foi publicado em 1904, e desde então escreveu —romances, pensamentos e peças até meados de 1946. Quando morreu, aos 78 anos, tinha publicado mais de cinquenta livros em vários idiomas. Considerada sua obra mais famosa *The Lodger* (1913) é baseada no caso dos assassinatos de Jack, o Estripador, que serviu de base para diversos filmes em diferentes épocas. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Marie_Belloc_Lowndes >

junho de 1895 e publicada no jornal maranhense *Pacotilha*, ganha o título “Júlio Verne em sua casa”. O tradutor inicia seu texto afirmando que se trata de uma entrevista interessante, concedida pelo popular autor de tantos *romances científicos*. Na conversa com a escritora inglesa, Verne declara: “perguntaram-me muitas vezes o que foi que primeiro me deu a ideia de escrever o que, na falta de um nome melhor, pode ser chamado de *romances científicos*” (Pacotilha, 27 de junho de 1895, p. 2). Respondendo a esse questionamento, Verne esclarece que sempre teve propensão para o estudo da geografia e que o amor pelos mapas e pelos grandes exploradores do mundo o levaria a escrever o primeiro romance de uma série que ele próprio denomina histórias geográficas: “Pensava realmente que meu amor pelos mapas e pelos grandes exploradores do mundo me levaria a compor o primeiro livro da minha longa série de histórias geográficas” (Pacotilha, 27 de junho de 1895, p. 2). Na entrevista, observa-se a preocupação do autor em fazer conhecer lugares que acreditava serem desconhecidos dos leitores: “Quando estava escrevendo meu primeiro livro, *Cinco semanas em balão*, escolhi a África para a cena da ação, pela simples razão de que se conhecia menos, e se conhece ainda, esse continente do que outro qualquer” (Pacotilha, 27 de junho de 1895, p. 2). Interessa notar que na entrevista a Adelaide Belloc, a esposa do escritor, Honorine Devianne Morel, intervém. Dirigindo-se à jornalista, afirma que muitos “fenômenos científicos” aparentemente impossíveis, descritos nos romances de seu marido, haviam se tornado reais. Verne reage à intervenção da esposa com as seguintes considerações:

Isso é simples coincidência, atalhou Jules Verne. No que respeita à fidelidade das minhas descrições, devo-a, em grande parte, ao fato de ter sempre, antes de começar a escrever os meus livros, [ter] tirado muitas notas de todos os livros, jornais, Magazines ou relatórios científicos que podia encontrar” (Pacotilha, 27 de junho de 1895, p. 2).

No que concerne às publicações periódicas, o romancista francês explica que assinava mais de vinte jornais, sendo leitor assíduo de todas as publicações científicas de sua época, inclusive de relatórios quando os podia encontrar. Na mesma entrevista, explica o *modus operandi* implicado em sua criação literária: leitura sobre qualquer descoberta ou experiências nos domínios da ciência, acompanhada de produção de notas devidamente organizadas por assunto. Percebe-se, assim, a estreita ligação de Júlio Verne com o campo da ciência, bem como o papel desta última em seu processo

de criação literária. Nesse sentido, em lugar de ser um antecipador das invenções científicas, ele seria, de certa forma, uma espécie de divulgador armado de uma potente imaginação. Ele mesmo confessa que se valia dos conhecimentos de astronomia, meteorologia, fisiologia etc disponíveis em seu tempo para alimentar suas narrativas.

Não sem razão, quando se tratava de discutir alguma questão científica, periódicos brasileiros do Oitocentos frequentemente faziam menção a seu nome e a seus romances, como se observa em publicação do jornal *O Liberal do Pará*, do dia 10 de novembro de 1880. Na seção “Sciencias Letras e Artes”, Francisco Ferreira de Vilhena Alves⁵ (1847-1912) publica artigo intitulado “Estudos astronômicos”. O artigo em questão tinha por intuito discutir um estudo acerca do Sistema Solar, abordando temas como a origem e composição dos planetas. É no cerne dessa discussão que Vilhena Alves menciona Júlio Verne, associando-o aos astrônomos franceses Pierre-Simon Laplace e Camille Flammarion: “O systema cosmogonico, hoje admitido, é o que tem explicado Laplace, Júlio Verne e Flammarion” (*O Liberal do Pará*, 10 de novembro de 1880, p. 1)⁶. A associação do nome de Verne ao dos dois astrônomos franceses de sua própria época nos leva a outras considerações sobre o romancista e à forma como era lido no Brasil, assim como também em outros países àquela época. A primeira delas: não havia estranheza alguma em associar o nome dele a nomes reconhecidos da ciência. Ou seja, Verne era, muitas vezes, como se verá adiante, considerado uma espécie de vulgarizador de conhecimentos científicos como o comprova a aproximação acima e os artigos que serão discutidos a seguir. A segunda delas: o autor francês era suficientemente conhecido pelo leitor brasileiro e também estrangeiro de sua época, a ponto de ser mencionado em contextos não literários, especialmente os relacionados à ciência, sem provocar estranheza no leitor. A terceira, na forma de hipótese: ao estabelecer uma associação entre o nome de Verne e a ciência poder-se-ia produzir, nos leitores, a crença segundo a qual os romances do autor

⁵ De acordo Mendes (2019), Vilhena Alves é considerado uma importante personalidade na educação pública do Pará, escreveu diversos artigos sobre educação e ensino.

⁶ Laplace (1749-1828) “organizou a astronomia matemática, resumindo e ampliando o trabalho” de Isaac Newton. Nicolas Camille Flammarion (1842-1925) foi, por sua vez, astrônomo e popularizador desse campo do conhecimento, além de entusiasta dos fenômenos paranormais e da espiritualismo, em voga no fim de século. Camille Flammarion foi irmão do importante editor Ernest Flammarion. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Camille_Flammarion>.

tratavam de fenômenos ou acontecimentos verídicos, existentes na realidade ou já ocorridos. Mas esse artigo é apenas o primeiro de muitos que circularam na imprensa do país, evidenciando que o lugar de Verne no imaginário de seus leitores estava para além daquele que ocupavam os romancistas de um modo geral.

Retornemos, assim, à problemática da relação entre Verne e a divulgação ou vulgarização de conhecimentos científicos. Nessa seara, o artigo intitulado “Sciencia para o Povo” publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1º de maio de 1881, é exemplar. O autor do artigo informa que começaria, no Rio de Janeiro, uma publicação semanal de obras modernas sobre estudos de astronomia, física, química, botânica, geologia, dentre outras áreas do conhecimento. Em seguida, argumenta que a ciência não consistia mais em um mistério, pois seus segredos estariam sendo popularizados nas sociedades cultas. É justamente no cerne dessa argumentação que o nome de Verne ganha destaque no artigo: “Julio Verne soltou o grito da revolução, pondo a sciencia ao serviço do romance como outrora Walter Scott puzera (sic) a história ao serviço da novella” (*Diário de Pernambuco*, 1º de maio de 1881, p. 2-3). A comparação com Walter Scott⁷ (1771-1832) nos leva a pensar que os leitores de sua época acreditavam que, assim como Scott lançava mão da história para escrever seus romances, Verne lançava mão do conhecimento científico para alimentar seus romances acerca dos mais diversos locais do planeta e das mais diversas invenções da ciência.

Ainda sobre esse assunto, em 25 de maio de 1888, o jornal *Gazeta da Parahyba* publica um artigo sobre a importância da popularização do ensino. O autor afirma que a preocupação dos melhores governos daquele tempo seria a difusão do ensino para todas as camadas sociais:

Os sábios empenham-se perseverantemente na tarefa de vulgarizar, quanto possível, a ciência, adotando nos livros, como em todos os processos de elocubrações, os processos mais apropriados para o fim de despertar o gosto pelas letras e tornar o saber acessível a todas as inteligências” (*Gazeta da Parahyba*, 25 de maio de 1888, p. 1).

Esse seria, a seu ver, o caso de Júlio Verne e do astrônomo Camille Flammarion. De sua perspectiva, isso dever-se-ia ao fato de Júlio Verne divulgar conhecimentos sobre astronomia, geografia, bem como sobre ciências exatas, em narrativas ficcionais nas quais utilizava uma linguagem simples e compreensível. O

⁷ Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Walter_Scott>.

argumento do autor evidencia que os romances de Verne foram considerados um importante instrumento de divulgação científica voltada para um público não especializado. Essa perspectiva se confirma caso se considere o fato de seus romances serem publicados primeiramente no periódico *Magasin d'Éducation et de Récréation*, (Revista de Educação e Recreação) para, em seguida, ganharem o formato brochura ou volume de capa dura.

Em 19 de março de 1881, o jornal paraense *A Constituição* publica um artigo intitulado “Conferencias Populares”⁸. A bem da verdade, o artigo reproduzia uma palestra proferida pelo paraense Júlio Cesar Ribeiro de Souza (1843-1887), estudioso das “ciências aeronáuticas” na capital do Império. Sob a coordenação do senador imperial, Manoel Francisco Correia, eram promovidas as chamadas “Conferências Populares da Glória” ou “Tribuna da Gloria”, assim conhecidas por se realizarem em escolas públicas do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, com objetivo de divulgar o conhecimento para o “povo”. Ainda que as conferências fossem destinadas ao “povo”, a plateia era constituída por um público seletivo, que reunia estudiosos e membros da família imperial (Fonseca, 2006). Observa-se, portanto, que as Conferências Populares eram, na verdade, reuniões de notáveis letrados, que debatiam assuntos por eles considerados relevantes. Na conferência ocorrida em 20 de fevereiro de 1881, Júlio Cesar se propôs a discutir seu invento, um “Sistema de Navegação Aérea”. Ele então argumenta que se a navegação aérea não se resolvesse pelo novo sistema, nunca se realizaria por nenhum outro, salvo no romance *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1869). Nesse romance Verne constrói seu famoso submarino *Nautilus*, embarcação movida à eletricidade, capaz de suportar a pressão atmosférica navegando no fundo dos oceanos. Na narrativa, não são descritas apenas a fauna e a geografia marítimas, mas também a tecnologia utilizada para chegar ao mar profundo. Cabe dizer que àquela época não era possível deslocar um submarino usando eletricidade, como o concebera Júlio Verne em seu romance. Mas, de acordo com Júlio Cesar, ainda que fosse na ficção, Verne resolvera o problema da navegação aérea, proeza que nenhum outro homem até então realizara.

⁸ Como era comum à época, o jornal paraense estava reproduzindo uma publicação do *Jornal do Commercio* (RJ) de 21 fevereiro de 1881.

Em 22 de maio de 1882, o mesmo jornal *A Constituição*, reproduz texto anteriormente publicado no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Nele divulga uma carta em que o pesquisador Manoel Pereira Reis, membro do Instituto Politécnico Brasileiro⁹, responde a perguntas sobre a exequibilidade do Sistema de Navegação Aérea desenvolvido por Júlio Cesar.

De acordo com Visoni e Canalle (2011), após analisar o sistema de Júlio Cesar, uma comissão do Instituto Politécnico elaborou parecer recomendando a execução das experiências com o balão *Victoria* e o paraense pôde receber ajuda financeira do imperador D. Pedro II para uma viagem a Paris, onde realizou experimentos de voo com seu balão. Na carta divulgada pelo jornal, dentre as perguntas feitas a Pereira Reis, uma delas seria a respeito das analogias entre o *Nautilus* de Verne e o balão *Victoria* de Júlio Cesar. Porém, o entrevistado não explica a relação existente entre as duas invenções, restringindo-se apenas em responder: “Se Júlio Verne teve uma boa ideia, não a soube aproveitar, coube ao sr. Júlio Cesar extrair alguma coisa útil donde Verne apenas visou o agradável” (*A Constituição*, 22 de maio de 1882, p. 2). Possivelmente a comparação entre a invenção de Verne e a de Júlio César se dera porque havia certas semelhanças entre elas, quais sejam, a forma alongada dos objetos, a existência de leme traseiro e a presença de planos móveis nas laterais dos artefatos. Assim, a pergunta direcionada a Pereira Reis sobre existência de uma analogia entre o balão e o submarino demonstra, mais uma vez, em que medida os inventos do autor francês extrapolavam o mundo da ficção, chegando, inclusive, a serem mencionados em documentos de caráter científico, como é o caso da carta que Pereira Reis assina como membro do Instituto.

A notícia sobre a invenção de Júlio César parece ter sido de grande importância na época, pois sua repercussão não se deu apenas nas províncias do Norte do país. Periódicos do sul também discutiam a invenção do paraense, como o *Gazeta Paranaense*, da Província do Paraná, que, em 13 de maio de 1882, também publica texto, na seção “Sciencias”, sobre as experiências realizadas por Júlio César com seu balão “Victoria”. Segundo informa, o sistema de navegação aérea desenvolvido por ele

⁹ O Instituto Politécnico Brasileiro foi uma Instituição de engenharia criada em 1862, no Rio de Janeiro, durante o período Imperial brasileiro. Era considerado o maior centro científico do país naquela época, No Instituto eram discutidos temas referentes à engenharia e à ciência de um modo geral. (Monteiro Marinho, 2020).

não consistia em uma novidade, pois seria o mesmo sistema empregado por Júlio Verne no seu submarino *Nautilus*, ou seja, havia quem defendesse a ideia de que Júlio César não era o inventor do sistema aéreo para o qual pediu apoio ao governo brasileiro, mas sim alguém que se apropriara da ideia de Verne, presente em seu romance *Vinte mil léguas submarinas*.

Além de ter sido comparado ao balão *Victoria*, o *Nautilus* foi ainda comparado a várias embarcações submarinas que estariam sendo construídas no final do Oitocentos. Diversas publicações nos periódicos mencionam o fictício submarino quando noticiam o surgimento de barcos que teriam as mesmas características. Dentre as semelhanças apontadas, os jornais chamam atenção para o fato de os submarinos reais terem adotado a energia elétrica como força capaz de movê-los sob as águas.

O *Jornal de Recife*, em 23 de março de 1884, publica notícia sobre o submarino *Neptuno* construído pelo sr. M. Mathian na cidade de Lyon, na França. Segundo a notícia, intitulada “Observatório Submarino”, o navio realizaria suas atividades na baía de Nice, levando turistas ao fundo dos mares. O autor da publicação afirma que a imaginação de Júlio Verne e do também romancista Mayne Reide¹⁰ já se tornara realidade. Ainda em 17 de dezembro de 1884, a seção “Notícias” do *Diário de Belém* também noticia a invenção de um suposto barco submarino movido à propulsão elétrica e compara-o ao fictício submarino *Náutilus*, movido a eletricidade. Em 16 de janeiro de 1889 o jornal maranhense *O Paiz* publica notícia sobre uma experiência com o submarino *Gymnote*, movido a eletricidade. O jornal *Diário de Notícias*, de Belém do Pará, também publica notícia sobre barcos submarinos que teriam semelhanças com o *Nautilus*. Em 20 de agosto de 1886, na Seção “França”, o jornal reproduz notícia que fora publicada inicialmente em Paris, em 19 de julho do mesmo ano. O autor da notícia informa que o francês, sr. Goubet, negociara cinquenta “barcos-peixes” com a Rússia. De acordo com a publicação, os barcos eram mais ou menos similares ao submarino ficcional de Verne. O autor da notícia afirma que à época em que Júlio Verne publicara *Vinte mil léguas submarinas* (1869), as pessoas não acreditavam ser possível realizar o que habitava a ficção do autor francês. Porém,

¹⁰ Thomas Mayne Reid (1818-1883) foi um romancista irlandês-americano. Escreveu vários romances de aventura ambientados em diferentes países. Escreveu muitas obras sobre a vida americana, descrevendo “a política colonial nas colônias americanas, os horrores do trabalho escravo e a vida dos índios americanos”. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Mayne_Reid >.

a julgar pelas notícias dos jornais, o sonho de viajar sob as águas em submarinos movidos a eletricidade começara a se tornar real mais ou menos quinze anos após a idealização do romancista.

Não somente o *Nautilus* ocupou as páginas dos jornais, mas também o canhão *Columbiad*, engenhosidade descrita por Verne no seu romance *Da terra à Lua* (1865). Em 11 de julho de 1885, no jornal *Pacotilha*, da Província do Maranhão, o *Columbiad* é mencionado em notícia sobre um imenso canhão que seria exibido na “Exposição de Anvers”. Pesando trinta e sete toneladas, ele seria capaz de arremessar projéteis de 450kg à distância de 20km. Segundo a notícia, a viagem à lua realizada pelos heróis de Verne estaria a um passo de se tornar realidade. No entanto, para ver o *Columbia* da vida real chegar à Lua, o autor do *Pacotilha* teria que viver mais oitenta e quatro anos a partir do dia que noticiou sobre a “Exposição de Anvers”. Todas essas matérias evidenciam que os romances criados por Verne se projetam para além da ficção. É no campo do real que esses romances encontram uma espécie de segunda vida, alimentando a imaginação dos ‘homens’ de carne e osso, os quais procuram realizar as invenções de Verne valendo-se dos avanços científicos de sua época, caso da eletricidade. De outro lado, esse movimento faz com que o nome do autor e seus romances sejam constantemente mencionados fora do ambiente literário. Em suma, Verne parece se tornar popular no campo da literatura e da ciência, particularmente da ciência que procura inventar tecnologias de impacto para o ser humano em sua vida cotidiana.

Mas, para além disso, o romancista francês também faria com que o homem se imaginasse em lugares jamais sonhados, como se verá adiante.

Quebrando o recorde de Phileas Fogg

Lançado em 1872, o romance *A volta ao mundo em 80 dias* é mencionado em várias ocasiões quando se trata de noticiar viagens ao redor do mundo. Essa obra de Verne narra a jornada do personagem Phileas Fogg, cavalheiro inglês, que decide apostar vinte mil libras com seus colegas burgueses, na convicção de que conseguiria dar a volta ao mundo em 80 dias. Embora tenha enfrentando vários contratempos, o herói de Verne faz a viagem no tempo previsto.

O feito realizado pelo personagem do romance se torna, então, uma espécie de desafio naquelas últimas décadas do século XIX e, ao mesmo tempo, um parâmetro para muitos aventureiros. Prova disto é que em 05 de agosto de 1880, o jornal *Diário de Pernambuco* noticia uma viagem considerada “uma das mais rápidas e mais curiosas já realizadas”. De acordo com a publicação, o viajante saíra de Liverpool, na Inglaterra, passando por Singapura, Hong Kong, China, Japão e, após sessenta e seis dias de viagem, chegara a Nova York, de onde retornara a Liverpool, completando, assim, sua volta ao mundo em 75 dias.

Em 30 de agosto de 1885, o *Diário de Pernambuco* reproduz notícia segundo a qual o feito realizado por *Phileas Fogg* não mais poderia ser considerado uma proeza irrealizável, pois o navio a vapor *Rawa*, pertencente a uma companhia marítima britânica, realizara, em menos tempo, o trajeto imaginado por Verne, saindo de Plymouth, na Inglaterra, com destino à Nova Zelândia. Sem precisar o roteiro da viagem, o autor da notícia afirma que o *Rawa* dera a volta ao mundo em 73 dias, 5 horas e 40 minutos. Assim, conclui, o herói imaginado por Verne ficara ofuscado pela própria realidade.

Quebrar o recorde de *Phileas Fogg* também foi um desafio para a jornalista americana Nellie Bly, pseudônimo de Elizabeth Cochran Seaman. Em “A volta ao mundo em 72 dias”, publicado pela primeira vez em 1890, ela conta que, pensando em um artigo para o jornal onde trabalhava, *The New York World*, veio-lhe a ideia de fazer uma viagem ao redor do mundo. Após visitar uma empresa de navegação, constatou que era possível realizar esse projeto em menos de 80 dias, batendo o *record* de *Phileas Fogg*. Contrariando a opinião do gerente de negócios do jornal, que considerava essa viagem impossível de ser realizada por uma mulher, Nellie Bly lhe propôs que enviasse um homem, o qual seria seu concorrente, pois ela viajaria por outro jornal e ainda venceria seu adversário. Parece que o argumento da jornalista foi capaz de convencer o gerente, de forma que em 14 de novembro de 1889, Nellie Bly iniciou sua viagem de volta ao mundo (Bly, 2021, p. 10). Em 18 de junho de 1890, o jornal *Gazeta do Norte*, do Estado do Ceará, noticiava que a viajante conseguira dar a volta ao mundo em menos tempo do que a imaginação de Verne previra, a bordo do

paquete¹¹ “Augusta Victoria”. A viagem de Nellie Bly foi bastante repercutida pelos jornais. O *New York World* chegou a promover um concurso em que os leitores teriam que tentar acertar quanto tempo a jornalista levaria para concluir sua viagem. De acordo com Queiroz (2013), essa estratégia aumentou significativamente as vendas do jornal.

As notícias sobre a viagem da jornalista sugerem que a essa época havia excursões destinadas a dar a volta ao mundo. Pode-se supor que isto significaria algo similar às excursões que, no século XX, se destinavam a levar pessoas comuns a escalar o pico do Everest. Certamente dar a volta ao mundo em um navio fora, por séculos, uma aventura destinada a marinheiros, piratas, exploradores e cientistas. Dessa forma, a notícia revela que nessas últimas décadas do século XIX a aventura de viajar pelas quatro partes do mundo já era acessível a parcela dos europeus. Como vimos assinalando, Nellie Bly não foi a única a quebrar o recorde de Phileas Fogg. Ainda em 25 de junho de 1890, o jornal *Pacotilha*, informa que o americano Georges Francis “metteu n’um chinelo” todos os que fizeram essa mesma viagem. O autor do jornal menciona, em primeiro lugar, Júlio Verne e, em segundo lugar, Nellie Bly. A notícia afirma que Georges Francis deu a volta ao mundo em 60 dias, “acaçapando” todos os seus predecessores.

Como se percebe, o romance de Verne continuava sendo, na última década do século, a métrica pela qual as aventuras reais eram avaliadas em termos de superação, pouco importando se essa métrica havia sido estabelecida pela ficção.

Quando a geografia não basta: o homem vai à lua

O ocaso do século XIX não significou o dos romances de Verne, de suas invenções e das façanhas de seus heróis. O escritor francês continuava vivo na memória dos leitores e dos jornalistas que cobriam as invenções tecnológicas do novo século.

O quarto romance de Verne, *Da Terra à Lua*, completou 100 anos em 1965, quatro anos antes de o homem realmente botar os pés na Lua. Essa obra narra a história do *Gun Club*, organização americana especializada em armas de fogo, canhões

¹¹ Pacote é a denominação dada aos antigos navios de luxo de grande velocidade, geralmente movidos a vapor. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Paquete>).

e balística em geral. Seus membros se propõem a construir um gigantesco canhão de nome *Columbiad* que teria por objetivo arremessar um projétil de forma cilindro-cônica em viagem à lua, transportando três homens: Impey Barbicane, Capitão Nicholl e Michel Ardan.

Terminados os preparativos para a viagem, os três astronautas partem em sua jornada espacial. Porém, em vez de o projétil pousar em solo lunar, conforme o objetivo da missão, ele entra na órbita da lua e o romance termina, mantendo em suspense o futuro dos heróis. Quatro anos depois, essa aventura tem sua continuação publicada no romance *Em torno da lua*. Nessa obra, Verne narra as situações pelas quais passam os personagens após completarem uma translação completa em torno da lua. Os viajantes tentam concluir a missão, pisando em solo lunar, mas, por um erro de cálculo, o projétil é tirado da influência da gravidade da lua para entrar na da terra, caindo, assim, no oceano Pacífico, onde são resgatados.

No ano de 1969, quando a imprensa do mundo todo noticiava a chegada do homem à Lua, o romance *Da terra à lua* ganharia novamente as páginas dos jornais. Nessas notícias, o nome do romancista francês aparece com frequência, sendo relacionado à missão espacial liderada pelos norte-americanos, a Apolo 11. Paulo Sternik, jornalista do departamento de pesquisa do *Jornal do Brasil*, publica, em 22 de maio de 1969, notícia intitulada “Assim na Terra como na Lua”. Para o jornalista, o francês incentivara e inspirara os grandes pioneiros da ciência moderna. De sua perspectiva, o romance *Viagem ao centro da Terra* fora decisivo para a vocação do francês Norbert Casteret, que mais tarde ficou conhecido como o pai da espeleologia moderna¹². Sternik afirma que o romancista também influenciara o italiano Guilherme Marconi, pai do rádio moderno, e o almirante americano Richard Bird, que se considerou o pioneiro nas expedições aos polos.

Em 12 de julho de 1969, o *Jornal do Brasil* publica artigo intitulado “A Lua na Arte - Da utopia à realidade”. Nele, o jornalista afirma que antigamente os escritores imaginavam a Lua do ponto de vista do fantástico, caso de Luciano¹³, escritor sírio que

¹² A espeleologia é a ciência que se dedica ao estudo das cavidades naturais subterrâneas – cavernas. Disponível em: <<https://see.ufop.br/espeleologia>>.

¹³ Luciano de Samósata nasceu ca. 125 em Samósata, na província romana da Síria, e morreu pouco depois de 181, talvez em Alexandria, Egito. A ele foram atribuídas mais de 80 obras. Em *Uma História Verdadeira*, Luciano relata uma fantástica viagem à Lua, menciona a existência de vida extraterrestre e

vivera no Império Romano. Porém, fora Júlio Verne quem fizera previsões *fantásticas e verdadeiras* sobre o assunto. Para ele, Verne conhecia bem a ciência e a engenharia, por isso compreendeu o problema básico do voo espacial, calculando uma velocidade inicial suficiente para sair da Terra. Ele afirma que havia leitores que chegavam a se oferecer para viajar no projétil imaginado pelo romancista. Contudo, a viagem imaginada por Verne somente se tornaria possível um século depois.

No dia 16 de julho de 1969, o *Jornal do Brasil*, publica texto intitulado “Os precursores da conquista espacial”, do cientista alemão, naturalizado americano, Wernher von Braun, diretor do Centro Espacial da ANAE em Huntsville, Estados Unidos. Von Braun afirma que a missão Apolo 11 será sempre lembrada na história das ciências aplicadas e da tecnologia dos Estados Unidos. Porém, diz ele, a equipe que tornou possível a viagem da Apolo 11 ultrapassa as fronteiras nacionais. Declara que o sentido histórico que permeia a realização do sonho da humanidade de viajar à Lua é esquecido e que tendemos a considerar esse feito como resultado da ciência do século XX. Porém, esse sentido, segundo Von Braun, não foi esquecido por homens como Frank Borman, pioneiro na viagem multissecular para a Lua, pois, por ocasião do retorno de sua viagem à órbita da Lua, em discurso oficial, Borman teria afirmado:

Mas quando dizemos que isto foi um feito norte-americano, nós teremos que voltar a Newton e parafraseá-lo ... Quem poderá pensar na Apolo-8, sem pensar em Galileu, ou Copérnico, ou Kepler, ou Júlio Verne, ou Grissom, ou White, ou Chaffee, ou Komarov? Nós, na verdade, estamos quindados sobre ombros de gigantes (*Jornal do Brasil*, 16 de julho, 1969, p. 11).

Como se vê, Frank Borman não considerou o voo da Apolo 8 como um feito exclusivamente norte-americano, mas fruto de estudos e experiências realizadas séculos atrás por muitos homens. Interessante observar que Borman menciona Júlio Verne entre grandes personalidades do mundo da ciência, conferindo ao autor francês o mesmo prestígio que tem no mundo da ciência homens como Nicolau Copérnico ou Galileu Galilei.

No mesmo dia 16 de julho de 1969, o *Jornal do Brasil*, ao noticiar sobre a viagem espacial da Apolo 11, afirma que naquele dia estava se realizando um dos

antecipa diversos outros temas popularizados durante o século XX pela ficção científica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_de_Sam%C3%B3sata>

sonhos impossíveis da humanidade, antecipado por Júlio Verne e Herbert George Wells¹⁴ em clássicos da ficção. Segundo a notícia, três terráqueos iniciaram naquele dia a mais extraordinária viagem de todos os tempos, tendo como instante culminante a descida de dois deles na superfície da Lua, Neil Armstrong, primeiro, e Edwin Aldrin, depois. Parece difícil para a imprensa do Brasil e do mundo falar sobre a missão Apolo 11 sem mencionar o romancista francês.

Além do comandante da Apolo 8, Frank Borman, o comandante da Apolo 11, o astronauta Neil Armstrong, também rendeu homenagens ao romancista francês. No dia 27 de julho o *Jornal do Brasil* publica artigo intitulado *A lua fala com a terra*. Nele, descreve os diálogos entre o módulo lunar, tripulado por Neil Armstrong e Edwin Aldrin, o módulo de comando, tripulado por Michel Collins, e o centro espacial de Houston, revelando detalhes da viagem de exploração à superfície lunar. Faltando dezessete horas e 30 minutos para o resgate dos tripulantes da Apolo 11, os astronautas mandam mensagens para Terra. Neil Armstrong inicia sua fala lembrando que há cem anos Verne escrevera sobre uma viagem à Lua. Também menciona a semelhança entre o nome da espaçonave americana e o canhão de Verne, denominado *Colúmbia*:

Boa noite. Aqui fala o comandante da Apolo-11. Há cem anos atrás, Júlio Verne escreveu um livro sobre a viagem à lua. Sua nave espacial, *Colúmbia*¹⁵, decolou da Flórida e amerrissou no oceano pacífico, depois de uma viagem completa. Parece apropriado dividir com vocês algumas reflexões da tripulação, enquanto a moderna *Colúmbia* completa seu encontro com o planeta terra no mesmo oceano Pacífico, amanhã (Jornal do Brasil, 27 de julho, 1969, p. 76).

O nome *Colúmbia*, dado ao módulo de comando da Apolo 11, além de representar o *reflexo da aura de aventura, exploração e seriedade* da viagem de Colombo, representava um elemento de ligação com o romance de Verne que, de acordo com o astronauta, previu com exatidão algumas técnicas e detalhes do vôo que a Apolo 11 empreendera. Percebe-se, dessa forma, que Júlio Verne e sua produção ficcional se tornaram símbolos capazes de representar a conquista espacial. De acordo

¹⁴ Foi um romancista e historiador inglês, conhecido como H. G. Wells (1866-1946). Escreveu romances de ficção científica, como *The Time Machine* e *The war of the worlds*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/H-G-Wells>>.

¹⁵ O astronauta americano se confunde com relação a um detalhe importante do romance de Verne: *Colúmbia* era o nome de uma espécie de “canhão” que arremessou o projétil que levou os astronautas à lua.

com Josué Montello¹⁶, naquele momento era crescente a quantidade de selos postais inspirados na viagem do homem à Lua. Dentre eles estavam selos com imagens de foguetes na Lua, dos lançamentos dos satélites e com a efígie de Júlio Verne. Dessa forma, a imagem do escritor francês passou a representar o feito que o homem realizara naquele 20 de julho de 1969 quando o módulo lunar *Águia* tocou o solo lunar. Nos jornais da época, Verne havia se consagrado como aquele que previra com antecedência de cem anos a viagem espacial da Apollo 11, comandada pelos Estados Unidos.

Considerações finais

É surpreendente como a obra de Verne extrapola o universo da literatura. De Norte a Sul do Brasil circulam notícias de vários lugares do mundo sobre realizações científicas e empreendimentos que tentam realizar o que fora imaginado por Júlio Verne. Seu nome e seus romances são constantemente mencionados quando se trata de discutir invenções no campo da ciência. Seus personagens parecem tão familiares dos leitores do século XIX e ainda dos séculos seguintes que parece natural mencioná-los em contextos não-literários sem causar estranheza nesses leitores. Não por acaso pelo menos parcela de suas narrativas foram, ainda em sua época, consideradas romances científicos, porque apoiados no saber científico disposto em seu tempo. Verne descreveu vários fenômenos científicos que só se tornariam realidade tempos depois, chegou, inclusive, a precisar alguns detalhes sobre a viagem à Lua realizada pelos norte-americanos, conforme relatou Armstrong. É notória a popularidade do autor francês entre a comunidade científica, não somente em sua época, mas entre os cientistas que vieram depois dele. Sem dúvida ele era lido e apreciado por muitos homens do mundo da ciência, pois, conforme vimos, esses homens se ocuparam em referenciar Júlio Verne, reconhecendo-o como alguém que contribuiu com a divulgação do conhecimento científico, chegando, inclusive, a influenciar pessoas para os estudos das ciências.

¹⁶ *Jornal do Brasil*, 25 de dezembro de 1969, p. 9. Josué de Sousa Montello (1917-2006) foi escritor brasileiro. Ocupou o cargo de conselheiro cultural da Embaixada do Brasil em Paris. Foi embaixador do Brasil junto à Unesco. Foi membro de diversas academias e instituições culturais no Brasil e no Exterior. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/biografia>>.

As notícias encontradas nos jornais revelam que Júlio Verne não foi visto apenas como um escritor de histórias fantásticas, mas como alguém cujas invenções imaginárias deveriam inspirar invenções no mundo real, o que se comprova por meio de notícias, por exemplo, do invento do balão Victoria do paraense Júlio Cesar, dos barcos submarinos construídos na França ou das viagens ao redor do mundo, a exemplo a da americana Nellie Bly e a do americano Georges Francis. Para o astronauta americano, Frank Borman, os voos espaciais de sua época foram possíveis em virtude do trabalho de outros homens que vieram antes dele, dentre os quais, Galileu Galilei, Copérnico e também Júlio Verne. E o trabalho de Júlio Verne seria de criar mundos imaginários. Ou seja, se um dia a imaginação e a ficção dela resultante precisasse de um elogio, talvez não houvesse um maior do que esse, aquele em que os mundos imaginados são compreendidos como a origem do real. De certa forma, ao associar Verne a esses homens todos, Borman estivesse reconhecendo o papel da imaginação em toda descoberta ou invento científico. Portanto, parece não ser incorreto considerar Júlio Verne uma espécie de “precursor” de descobertas científicas, uma vez que suas invenções ficcionais, em certa medida, foram se tornando reais.

Também é certo que as narrativas fantásticas do autor francês sobreviveram ao tempo e prosseguiram sendo apreciadas nos séculos seguintes por novos leitores. Nesse caso, a imagem construída acerca do autor, cem anos após o lançamento do seu primeiro romance, 1863, seria ainda a do escritor que antecipa invenções científicas.

As invenções tecnológicas ou as viagens extraordinárias imaginadas pelo autor francês em seus romances, ao que tudo indica pautadas nos estudos científicos de sua época, serviram de inspiração para os homens reais de seu tempo e dos séculos posteriores. Não por acaso o primeiro submarino nuclear americano foi batizado de Nautilus, nome do submarino fictício de Verne. Outra homenagem feita ao autor francês, segundo Sternik, diz respeito ao nome dado pelos soviéticos a uma cratera lunar, batizada de “Mar de Júlio Verne”. Como se pode observar, as homenagens a Verne não tinham fronteiras, “unindo” americanos e soviéticos em plena Guerra Fria. Quando se tratava de ciência e de comemorar mais uma conquista, o nome das criações imaginadas por Verne se estampava em invenções terrenas e em descobertas lunares.

REFERÊNCIAS

Hemeroteca Digital Brasileira - Jornais disponíveis em: <

<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>.

A Constituição. Pará, 19 de março de 1881, p. 1

A Constituição. Pará, 22 de maio de 1882, p. 2

Diário de Belém. Pará, 17 de dezembro de 1884, p. 3

Diário de Notícias. Pará, 20 de agosto de 1886, p. 3

Diário de Pernambuco. Província de Pernambuco, 05 de agosto de 1880, p. 2

Diário de Pernambuco. Província de Pernambuco, 30 de agosto de 1885, p. 2

Diário de Pernambuco. Pernambuco, 1º de maio de 1881, p. 2-3

Gazeta do Norte. Ceará, 18 de junho de 1890, p. 1

Gazeta da Parahyba. Paraíba, 25 de maio de 1888, p. 1

Gazeta Paranaense. Paraná, 13 de maio de 1882, p. 2-3

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1969, p. 32

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 de julho de 1969, p. 29

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1969, p. 11

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1969, p. 32

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1969, p. 76

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1969, p. 9

Jornal de Recife. Pernambuco, 23 de março de 1884, p. 2

O Liberal do Pará. Pará, 10 de novembro de 1880, p. 1

O Paiz. Maranhão, 16 de janeiro de 1889, p. 2

Pacotilha. Maranhão, 25 de junho de 1890, p. 3

Pacotilha. Maranhão, 27 de junho de 1895, p. 2

Pacotilha. Maranhão, 11 de julho de 1885, p. 3

BLY, Nellie. *Volta ao mundo em 72 dias*. Editora: Imã Editoria, 2021. E- Book.

Disponível em: <

https://ler.amazon.com.br/?asin=B09CQCVS8Y&ref_=kwl_kr_iv_rec_1>.

CANALLE, J. B. G; VISONI, R. M. O sistema de navegação aérea de Júlio César Ribeiro de Souza. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 32, n. 2, 2010. Disponível:

<<https://www.scielo.br/j/rbef/a/8NhVzWXRdXNLcXPMkhQKLSJ>. Acesso: agosto de 2024.

DEKISS, Jean-Paul. *Jules Verne l'enchanteur*. Paris: Éditions du Félin, 2002.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As 'Conferências Populares da Glória': a divulgação do saber científico. *Periódico: História, Ciências, Saúde*, Manguinhos. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9KHpz3Xp5d4yfGXGy34QOGJ/?lang=pt>>. Acesso: agosto de 2024.

FREITAS MOURÃO, Ronaldo Rogerio. Cem anos da morte de Júlio Verne. In: *Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 31 de out. de 2005. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/>>. Acesso: abril de 2025.

QUEIROZ, Natália Costa Cimó. *O auge de Nellie Bly: uma jornalista estadunidense no final do século XIX*. Santa Catarina. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le roman d'aventures*. Paris: Gallimard, 2013.

Recebido em: 30/01/2025

Aceito em: 30/05/2025